



Narrativas de histórias de vida, conhecimento de si e (auto)formação no curso de Pedagogia

Joelson de Sousa Morais

Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/2022) na linha de pesquisa Formação de Professores, Currículo, Trabalho Docente e Avaliação. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/2015). Professor Adjunto I do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) no Centro de Ciências de Codó (CCCO) .

 <https://orcid.org/0000-0003-1893-1316>

 <https://doi.org/10.28998/rchv14n28.2023.0005>

Recebido em 07/10/2023

Aprovado em 20/11/2023



Narrativas de histórias de vida, conhecimento de si e (auto)formação no curso de Pedagogia

RESUMO

O texto é uma pesquisa narrativa (auto)biográfica desenvolvida em 2021 no período da pandemia remotamente, na disciplina História da Educação, com 04 (quatro) estudantes do 1º período do curso de Pedagogia de uma universidade pública no Maranhão. O objetivo é: compreender os sentidos e potencialidades das narrativas de histórias de vida na construção de um conhecimento de si no curso de Pedagogia. Tem como dispositivos metodológicos: diário de pesquisa e escrita narrativa. A compreensão e interpretação das narrativas pautou-se pela hermenêutica de Ricoeur (2010). Os resultados mostram que, com o uso metodológico das escritas narrativas de histórias de vidas, os estudantes passaram a construir aprendizagem, praticando uma (auto)formação e tecendo conhecimentos de si, do outro e da disciplina. Os encontros remotos permitiram aos sujeitos ligarem as câmeras e narrarem suas histórias, se emocionando, trazendo potentes afetações e se transformando pela tomada de consciência no processo formativo.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita narrativa; histórias de vida; formação de professores.

Narratives of life stories, self knowledge and (self) training in the Pedagogy course

ABSTRACT

The text is a (auto)biographical narrative research developed in 2021 during the pandemic period remotely, in the History of Education discipline, with 04 (four) students from the 1st period of the Pedagogy course at a public university in Maranhão. The objective is: to understand the meanings and potential of life story narratives in the construction of self-knowledge in the Pedagogy course. Its methodological devices are: research diary and narrative writing. The understanding and interpretation of the narratives was guided by the hermeneutics of Ricoeur (2010). The results show that the methodological use of narrative writings of life stories, the students started to build learning, practicing a (self) formation and weaving knowledge of themselves, the other and the discipline. The remote encounters allowed the subjects to turn on the cameras and narrate their stories, getting emotional, bringing powerful affectations and transforming themselves through awareness in the training process.

KEYWORDS: Narrative writing; life stories; teacher training.

Contextualizando o estudo: provocações iniciais

O mundo mudou nos últimos anos, fruto de um atravessamento inimaginado e repetido caracterizado pelo vírus de Covid-19, que alterou significativamente o curso da vida, as relações afetivas, socioeconômicas, políticas, culturais e educacionais.

Diante desse contexto de transformações intensivas e complexidades geradas pelo cenário pandêmico, as práticas pedagógicas e a formação de professores (as) tiveram que ser ressignificadas em função das novas dinâmicas operadas nos vários fluxos da vida pessoal e profissional, impulsionando outros modos de ser, pensar, fazer e saber.

Face às mudanças gestadas pela crise sanitária enfrentadas no mundo, ainda intensifica-se, no cenário brasileiro, uma crise política sem precedentes que vem impactando diretamente a formação de professores(as), tanto nas universidades, como nas escolas públicas, reorientando novas possibilidades didáticas e metodológicas que se reverberam nas práticas de ensino empreendidas pelos(as) professores(as) formadores(as) em vista de se consolidar um processo de ensino e aprendizagem significativo, com sentido e a devida coerência com que se quer formar o sujeito.

O tema deste trabalho, correlaciona-se às minhas experiências formativas, pessoais e profissionais que privilegiam as narrativas (auto)biográficas como abordagem e dispositivos metodológico de pesquisa e formação em diálogo com os tantos sujeitos que compartilham comigo suas narrações em situação de estudo e aprendizagem mútua.

As questões disparadoras de meu pensamento neste trabalho, buscam delinear-se pelas seguintes provocações: quais as contribuições das narrativas no processo de formação de professores (as)? E como as narrativas de histórias de vida de estudantes de pedagogia tem promovido processos de (auto)formação, aprendizagem e construção de conhecimentos no período da pandemia remotamente?

Partindo dessas provocações, o presente trabalho surgiu como uma necessidade demandada pelo cenário vigente, de trazer na formação de professores (as), mais especificamente no curso de Pedagogia, outras formas de aprender e ensinar com o uso de dispositivos metodológicos das narrativas de histórias de vida que pudessem articular-se a construção de conhecimentos com as aprendizagens potencializando, assim, a formação.

Por isso, o texto em pauta tem como objetivos: compreender os sentidos e potencialidades das narrativas de histórias de vida na construção de um conhecimento

de si no curso de Pedagogia, bem como refletir acerca das contribuições das narrativas no processo de (auto)formação de professores (as) no período remoto na pandemia.

A perspectiva teórica, metodológica e epistemológica subjacente ao presente estudo fundamenta-se pelos princípios da pesquisa narrativa (auto)biográfica aludindo ao campo das histórias de vida com os contributos de: Josso (2006; 2010), Bragança (2012), Goodson (2019; 2020), Pineau (2006), Ricoeur (2010) e outros.

Como pedagogo e professor narrador que sou, situando-me no contexto da formação de professores (as) no âmbito universitário, em diálogo permanente com docentes da Educação Básica, tenho percebido a riqueza e mobilizado saberes e metodologias, trazendo as narrativas (auto)biográficas como um dispositivo capaz de trazer transformações significativas e potentes contributos na formação docente.

Este trabalho, por exemplo, surgiu de minha prática pedagógica na educação superior, no ano de 2021, no período da pandemia, no curso de Pedagogia, onde passei a empreender os usos das narrativas e histórias de vida para ter conhecimento dos (as) estudantes e de um conhecimento de si na disciplina de *História da Educação* – ofertada no 1º período do curso –, na realização de aulas, remotamente, pelo *Google Meet*.

Quanto mais for propiciada uma busca de si pela prática de uma reflexividade narrativa na formação de professores (as), melhores as possibilidades de estes sujeitos trabalharem determinadas problemáticas que poderão atravessar suas práticas pedagógicas durante o desenvolvimento profissional docente, além de gerar um autoconhecimento. Então, a resolutividade dessas problemáticas educativas e pedagógicas, com o uso da reflexão, se tornam uma via indispensável e potencial de serem resolvidas com maiores proporções.

O conhecimento de si, portanto, é extremamente relevante na formação docente, uma vez que produzindo essa forma de conhecer-se, poderá refletir acerca de outros assuntos e aspectos que abarcam o seu universo pessoal e profissional, trazendo o didático, o político, o cultural e o socioeconômico, entre outros aspectos da experiência vivida. Afinal de contas, “quando a história de vida de uma pessoa está em foco e o processo e o conteúdo de aprendizagem se conectam, eles produzirão significado e se engajarão” (GOODSON, 2019, p. 108).

É possível ainda perceber que, nas narrativas, também se tece um trabalho de formação e (auto)formação do sujeito que narra, o qual vai mergulhando nas histórias de si. Por isso, passei a ter conhecimento dessa formação por meio da narração das

histórias de vida dos (as) estudantes.

Nesse viés, é cara a reflexão que faz Dominicé (2012, p. 21), quando enfatiza que “o conhecimento da formação, de maneira que ela seja captada no seu movimento, ou, em outros termos, compreendida na dinâmica dos processos em curso, requer a elaboração de depoimentos e, na medida do possível, a construção de histórias”.

A proposta deste texto está organizada em quatro partes, nas quais a primeira traz informações elucidativas sobre o estudo; na segunda parte são explicitados os procedimentos metodológicos da pesquisa e feito um mergulho histórico e epistemológico acerca das histórias de vida; na terceira parte, as narrativas dos(as) quatro estudantes do curso de pedagogia são trazidas, fazendo um processo de interpretação e compreensão das fontes narrativas; e na quarta e última parte, algumas reflexões conclusivas que o estudo trouxe.

As narrativas de histórias de vida como dispositivo metodológico na formação de professores (as)

O trabalho em pauta configura-se como uma pesquisa narrativa (auto)biográfica que traz as histórias de vida como dispositivo metodológico no curso de Pedagogia, no bojo da formação de professores (as).

Cabe elucidar, portanto, os contributos e sentidos os quais tem possibilitado as narrativas (auto)biográficas na pesquisa científica. A esse respeito:

A pesquisa (auto)biográfica não tenta neutralizar a validade dos métodos científicos herdados, sua mirada epistemológica visa superar uma concepção fragmentada do humano. As pesquisas são guiadas pelo *desejo* de considerar o que a pessoa pensa sobre ela e sobre o mundo, como ela dá sentido às suas ações e toma consciência de sua historicidade (PASSEGGI, 2010, p. 112-113. Grifos da autora).

Nesse sentido, tenho primado pelo uso desse dispositivo metodológico há uma década, com o seu uso na pesquisa científica, tanto em reflexões que venho produzindo no conhecimento de si, a propósito de estudos que desenvolvi em nível de mestrado e doutorado em educação, como no contexto de outras tantas pesquisas que se consolidam na formação de professores (as) na universidade, em diálogo com docentes atuantes na Educação Básica.

Neste trabalho, trago as narrativas de histórias de vida de 04 (quatro) estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), do Centro de Ciências de Codó (CCCO), que foram escolhidos em função de trazer em suas narrativas um maior mergulho e reflexão aliando vida pessoal, formativa e sociocultural, entre outras dimensões. Ou seja, produziram uma reflexividade (auto)biográfica, trazendo suas memórias para tecer as histórias de si que foram narradas por escritas e compartilhadas durante o estudo pela oralidade.

É válido salientar que, embora a tematização da memória não seja pauta de aprofundamento e discussões nesse texto, é válido salientar que uso algumas referências que discutem sobre o assunto como em Paul Ricoeur (2010) e Walter Benjamin (2012). Existem também outras insígnies e potentes obras que mergulham na reflexão da memória como as tecidas por Joël Candau (2012) em *Memória e identidade*, e por Paul Ricoeur (2007) em *A memória, a história, o esquecimento*.

Os dispositivos metodológicos utilizados na pesquisa com os sujeitos participantes, foram: diário de pesquisa e escrita narrativa. Sendo que a primeira narrativa no diário, foi a proposição que pudessem narrar suas histórias de vida, seguido da leitura numa sala virtual, em alguns encontros remotos, narrando oralmente sua história anteriormente escrita. A pesquisa foi produzida durante as aulas que foram ministradas remotamente na pandemia por mim no 1º período do curso de Pedagogia, com a disciplina *História da Educação*, ofertada no primeiro semestre do ano de 2021.

Quanto ao perfil dos participantes da presente pesquisa: um é do sexo masculino e três são do sexo feminino, assim nominados: Odair, Carmen, Marcilene e Cristina. Neste texto, trago quatro escritas narrativas de histórias de vida de quatro estudantes do curso de Pedagogia, produzidas no ano de 2021, as quais foram compartilhadas comigo na docência universitária e enviadas pelos (as) mesmos(as) para meu e-mail institucional. Vale salientar que o estudo foi apresentado e explicitado suas razões e propósitos aos (às) participantes da pesquisa e, assim, os usos de suas narrativas foram consentidas e autorizadas quanto a sua publicização pelos(as) estudantes para fins de pesquisa e outros propósitos.

No que se refere ao processo de compreensão e interpretação das fontes narrativas, o texto prima pela hermenêutica da narratividade e temporalidade em Ricoeur (2010), tendo em vista que toda história narrativa se produz em um certo tempo e reflete os aspectos socioculturais de uma época, de uma linguagem e dos modos de

vida do sujeito que narra suas experiências vividas. Segundo este filósofo francês, discutindo sobre a hermenêutica, convém elucidar que, ao interpretar a linguagem que é produzida narrativamente pelo sujeito, o processo de “compreender a ação é reviver, reatualizar, repensar as intenções, as concepções e os sentimentos dos agentes” (RICOEUR, 2010, p. 213).

Passo agora a explicitar em termos metodológicos como foram produzidas as fontes narrativas com as histórias de vida de cada sujeito participante do respectivo estudo, bem como seu processo de compartilhamento. Em relação ao modo como foram produzidas as histórias de vida por cada estudante de Pedagogia, a proposição foi realizada no início da disciplina de *História da Educação*, em que abordei um pouco sobre os princípios e postulados dos dispositivos metodológicos das narrativas (auto)biográficas pelos quais poderiam emergir suas histórias de vida. Durante a explicitação em algumas aulas, mostrei narrativas minhas que se pautavam no contexto da metodologia de histórias de vida para que pudessem compreender como se poderia escrever em primeira pessoa e de forma reflexiva, embora cada qual iria desenvolver a sua forma peculiar de escrita.

Recorri a um livro que continha um conjunto de textos tecidos em narrativas (auto)biográficas que foram produzidos como um memorial de formação por pesquisadores (as) da área. Livro esse tematizado: *Memoriais, pesquisa formação e modos outros de escrita acadêmica*, organizado por Inês Bragança e Rodrigo Santana (2020). Com esse material, foi proposto que os (as) estudantes escolhessem um dos textos em comum para todos, em consonância com o docente, que foi, portanto, o texto de Joelson Moraes (2020), com o título *Dos meus itinerários formativos ao memorial de formação: viagens ao passado*.

Dessa forma, os (as) estudantes passaram a ler, principalmente esse texto supracitado, não com a finalidade de produzir um memorial de formação, mas sim para pensar como poderiam narrar suas histórias de vida, que pudessem elaborar por escrito contendo no mínimo uma e no máximo três laudas. Logo em seguida, disparei uma pergunta para os (as) participantes do estudo, a partir de um voltar para si, no sentido de impulsionar uma reflexividade narrativa (auto)biográfica para então poderem narrar. Essa pergunta questionava: *Quem sou eu?* Tal questionamento foi o motor de desenvolvimento da escrita narrativa que foi produzida por cada um dos (as) estudantes, elaborando, assim, suas histórias de vida. Já de posse dessa narrativa, a proposta seria que cada um (a) pudesse projetar na sala virtual durante as aulas na

plataforma digital do *Google Meet*, fazendo a leitura de sua narrativa e, depois, gerando um conjunto de outras tantas reflexões entre os (as) participantes, que eram os (as) demais estudantes da turma e eu, como docente, conduzindo as dinâmicas dos encontros.

A produção da escrita narrativa por cada sujeito depois foi compartilhada pelos (as) estudantes para mim, via e-mail, com a qual permitisse uma segunda leitura em outro momento, nesse caso, sozinho, quando eu fosse me apropriar desse conteúdo narrativo, possibilitando outras tantas reflexões e que resultou em uma das notas da disciplina de *História da Educação*.

Convém, a partir desse ponto, trazer algumas reflexões acerca da metodologia das histórias de vida no campo das ciências humanas e sociais, buscando elucidar seus contributos numa perspectiva histórica e, ao mesmo tempo, situando suas potencialidades com o seu uso no que concerne ao processo de formação de professores (as). Pesquisadores (as) de referência já vêm produzindo um significativo conhecimento e produção científica com o uso das narrativas de histórias de vida em seus estudos, servindo de contributo ao campo educacional e outras áreas do conhecimento. Destes (as), venho refletindo neste trabalho e em outros com as ideias de: Marie-Christine Josso, Ivor Goodson, Pierre Dominicé, Gaston Pineau, Christine Delory-Momberger, Inês Bragança, Maria da Conceição Passeggi, Elizeu Clementino de Souza e outros (as).

No seu livro *Aprendizagem, currículo e política de vida*, Goodson (2020) faz uma síntese densa e necessária no capítulo *Estória da história de vida*, trazendo suas reflexões sobre as histórias de vida como método na pesquisa científica, ao dizer que o surgimento dessa metodologia se deu em forma de autobiografia de nativos americanos que, historicamente, inaugurou-se no início do século XX por estudos desenvolvidos por antropólogos. A emergência da Sociologia como disciplina assumiu o posto desse método e, logo em seguida, em meados de 1920, começou a declinar no âmbito de pesquisas sociológicas na Escola de Chicago. Seu ressurgimento foi se dar somente muito tempo depois, por volta de 1980, juntamente com a virada para a Pós-modernidade e o pós-estruturalismo, voltando com todo o vapor no campo das pesquisas científicas em várias áreas do saber e do conhecimento.

Uma das potentes contribuições para o desenvolvimento e a disseminação das histórias de vida no mundo diz respeito ao papel exercido pela corrente de *Histórias de vida em formação*, que iniciou seus trabalhos de pesquisa e formação de adultos

trazendo as narrativas (auto)biográficas e histórias de vida no começo da década de 1980, através dos pioneiros dessa corrente, com Pierre Dominicé, Marie-Christine Josso e Matthias Finger – na Universidade de Genebra/Suíça – e com Gaston Pineau, na Universidade de Montreal/Canadá (JOSSO, 2010).

De acordo com Pineau (2006, p. 336), ao tratar sobre a gênese das histórias de vida como uma corrente de pesquisa-ação-formação, elucidando suas contribuições no campo da formação e alfabetização de adultos, “sua aposta biopolítica é a de reapropriação, pelos sujeitos, da legitimidade de seu poder de refletir sobre a construção de sua vida. E ela é muito complexa para ser construída unicamente pelos outros. Novas artes formadoras da existência são inventadas”.

Uma obra de referência fruto de uma tese de doutorado transformada em livro, tematizada *Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal*, Inês Bragança (2012), traz as histórias de vida a partir de diferentes áreas do conhecimento, mostrando seus usos, finalidades e potencialidades metodológicas. Assim, esse dispositivo metodológico tem trilhado áreas múltiplas, mostrando a sua dimensão contribuidora no desenvolvimento das ciências humanas e sociais, como na: História, Filosofia, Sociologia e Antropologia. No que se refere à formação de professores (as), as histórias de vida buscam uma compreensão e entendimento de si pelas narrativas das experiências vividas, permitindo tomar consciência dos percursos trilhados e gerando transformações intensivas que possam guiar projetos de futuro em busca de melhorias significativas na vida, formação e profissão.

Nessa perspectiva, trazer e trabalhar com as histórias de vida como dispositivo metodológico tem sido um meio privilegiado de formação, aprendizagem e construção de conhecimentos que potencializam os percursos formativos e enriquecem professores (as) no desenvolvimento profissional, como no contexto da formação inicial docente. Por isso, “usamos histórias para dar sentido às nossas vidas. As histórias nos proporcionam uma razão para ação e nos permitem reconstruir nossa identidade” (GOODSON, 2019, p. 109). Eis, portanto, que narrar-se pelas histórias de vida está subjacente um contributo formativo e transformação consciencial. Nesse ponto também recupero os contributos da literatura vigente, enfatizando que

O trabalho com essa abordagem, no campo da investigação e da prática de formação de professores, focaliza a narrativa do sujeito, possibilitando aflorar a voz dos/as professores/as, sua linguagem e

suas práticas socialmente construídas na docência. O/A professor/a deixa de ser sujeito da pesquisa e coloca-se como autor que ressignifica sua trajetória ao longo do processo de investigação (BRAGANÇA, 2012, p. 84).

É nas histórias de vida que os sujeitos passam a narrar suas experiências trilhadas no decurso da existência praticando uma reflexividade (auto)biográfica capaz de produzir uma formação e (auto)formação significativa, transformando-se nesse processo.

Diante dessas reflexões, em se tratando da riqueza e potencialidade das histórias de vida na formação de professores(as), recupero o pensamento de uma referência da pesquisa narrativa do cenário brasileiro sobre esse aspecto, ao elucidar que, com esse dispositivo metodológico, busca-se “compreender o sujeito como centro do processo de formação na perspectiva da abordagem existencial ou biográfica de formação, relacionada à autoformação, vincula-se à continuidade histórica e ao processo de formação de cada sujeito” (SOUZA, 2010, p. 175).

Portanto, a dimensão da (auto)formação é necessária no processo de formação de professores (as), já que cria mecanismos de fazer o sujeito perceber-se do ponto de vista de suas próprias aprendizagens, fazendo escolhas necessárias e tomando iniciativas futuras que levam à sua autonomia e construção de outros múltiplos referenciais de novos conhecimentos e transformações potenciais.

A proposta deste texto está concernente a um modo de contribuição pelo qual exerce a metodologia das histórias de vida, potencializando o processo de formação de professores (as) e dando outras feições de si pela narração que cada sujeito faz nos percursos trilhados. Por isso, convém salientar uma relevante citação que representa o conteúdo e a forma deste texto:

[...] as histórias de vida têm se configurado como um pertinente dispositivo de acesso à interioridade do sujeito, a partir de suas reflexões tecidas narrativamente acerca do que viveu ou experienciou no passado, e que podem representar modos outros de acesso à história da constituição do ser pessoa e profissional em vários campos da profissão e do saber ao longo do tempo, mediado pelos entrelaçamentos e contextos por onde trilhou em seus itinerários formativos (MORAIS; BRAGANÇA, 2020, p. 193).

Na próxima seção serão apresentadas as histórias de vida de quatro estudantes de pedagogia que fizeram parte deste estudo, buscando mostrar como estas se configuram e podem contribuir na formação de professores (as), trazendo as suas narrativas (auto)biográficas.

Narrar-se pelas telas, pelas janelas, na pandemia: contributos e potencialidades

O período da pandemia, trouxe inúmeros desafios e incertezas sobre a vida, bem como a continuidade das atividades profissionais e socioculturais, afetando, diretamente a profissão docente e a formação de professores (as). Foi diante dessas complexidades de uma crise sanitária posta que passei a me inserir no ano de 2021 como professor substituto no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no Centro de Ciências de Codó (CCCO), onde nunca tinha trabalhado nesse formato remoto.

Passei então a pensar no que eu iria fazer em termos didáticos e metodológicos no curso de Pedagogia, tendo em vista um curso de formação de professores (as) que demandaria um processo outro de (re)elaboração dos saberes necessários ao ensino, já que não estava mais acontecendo presencialmente, e sim remoto, em função do acontecimento da pandemia de Covid-19, mantendo, assim, o distanciamento social para preservar as vidas humanas.

Tais incertezas e provocações desafiantes acerca da docência universitária passaram a fazer parte do meu cotidiano existencial, e de acordo com as disciplinas que me foram delegadas a ministrar, foi então que me veio a ideia de trabalhar com as narrativas (auto)biográficas e histórias de vida na disciplina *História da Educação*, fazendo jus a um modo peculiar de aprender, conhecer, ensinar e construir conhecimentos na pandemia. Trago, portanto, nesse sentido, as narrativas de histórias de vida de 04 (quatro) estudantes do curso de Pedagogia nessa parte do texto, produzidas de forma remota, aludindo a um conteúdo e forma suscitados por uma reflexividade (auto)biográfica e que serão apresentados a seguir.

Segundo um dos estudantes, do sexo masculino, chegou a revelar um pouco de sua história de vida, aliando educação e trabalho pelo qual permeou, praticamente, boa parte de sua vida, e que conseguiu tirar lições e aprendizados em sua narrativa.

Conforme elucida ele:

[...] sou guerreiro, sou trabalhador, busco realizar todos os meus sonhos, espero que a vida possa me propiciar realizá-los, pois, desde muito cedo, aos 12 anos de idade, comecei a trabalhar para ter minhas próprias coisas, pois sou de família pobre e humilde. Antes que me perguntem como fazia pra estudar e trabalhar com essa idade, pois é simples: trabalhava meio período por dia, mais periodicamente pela manhã, pois na parte da tarde precisava estar na escola (Narrativa de Odair, 13/03/21).

É interessante como Odair se vê no presente com os olhos do passado, invocando sua memória para se lembrar de como foi o seu percurso de vida pessoal e profissional e tem lhe acompanhado juntamente com suas experiências formativas e de aprendizagem na educação escolar e em sua formação acadêmica, como até os dias atuais vêm o acompanhando essas práticas de vida.

Vale ainda refletir que essa tem sido uma história de vida que também tem se revelado em muitas narrativas dos (as) outros(as) estudantes, mostrando, assim, as configurações de uma sociedade e um contexto nos quais vivem, em que o trabalho é uma forma de subsistência que diz do seu lugar de sujeito, pessoa e profissional, como também demarca um tipo de sociedade, um momento histórico, político, econômico e sociocultural do qual pertence o sujeito e o seu meio circundante. Assim, “por existirem na história, as estórias de fato estão profundamente localizadas no tempo e no espaço e funcionam de modo diferente em diferentes contextos sociais e tempos históricos – podem ser acionadas de formas diferentes” (GOODSON, 2022, p. 70).

Trabalhar e estudar têm sido práticas de vida que muito se fazem presentes na vida dos (as) estudantes, principalmente, aqueles que fazem parte das camadas populares, já que a cultura do cenário brasileiro impõe um modo de vida em que, para sobreviver, precisa-se não somente estudar como também trabalhar. Isso se relaciona com a má distribuição de renda entre as classes sociais no Brasil, bem como a falta de oportunidades que vêm se ampliando, consideravelmente, fruto da inexistência, criação, efetivação e desenvolvimento de políticas públicas em vários setores da sociedade.

A narrativa de outra estudante mostra o quão cheia de desafios e complexidades foi constituída a sua vida no âmbito familiar. Não indiferente ao que expressou Odair, a história de vida de Carmen mergulha em um universo cheio de

acontecimentos, em que a estudante consegue voltar para si, recuperando da memória inúmeros fatos capazes de fazê-la refletir no momento atual como foram suas experiências vividas em seu cotidiano.

Como narra ela:

[...] A minha infância foi um pouco complicada com ausência dos meus pais na minha vida. Eu não tive infância, tive que trabalhar muito cedo para ajudar minha avó colocar comida em casa, porque ela sozinha não dava conta, porque ela já era uma senhora bem idosa e já muito cansada, e ela já tinha criado ao todo 10 irmãos sozinha porque a mãe da minha avó morreu de parto, e ainda criou os seus dois filhos biológicos e mais eu e meu irmão que damos netos, e ela criou todos, quebrando coco babaçu e trabalhando de roça. Então, eu e meu irmão sentimos a necessidade de ajudar ela, era uma forma que nós tivemos de mostrar pra ela a gratidão que nós sentimos por ela, porque nem os nossos pais não estavam se doando pela gente como ela estava. De alguma forma nós queríamos retribuir todo esse esforço que ela tinha conosco, todo amor, toda dedicação que a minha avó tinha comigo e com meu irmão. [...] Mas, com todas essas dificuldades, a minha avó sempre deu prioridade à educação pra mim e pro meu irmão, mesmo ela não sendo alfabetizada ela sabia que era a única forma que podia mudar a minha história e a história do meu irmão. Que era através da educação, então nós tínhamos que ter um caderno, um lápis, uma caneta. Isso era essencial; e ir para a escola sempre. Eu e meu irmão, nós estudávamos na parte da manhã, nós íamos pra escola juntos, eram 5 turmas todas juntas, era uma única professora para esses alunos, e ainda tinha as crianças menores que era da alfabetização, mas todos que estavam ali gostavam de estudar, tinham amor pela escola, pelo professor, e a escola não era de boa qualidade, era uma casinha coberta de palha de Coco babaçu, e as paredes tampadas de barro. Eu fui muito feliz nessa escola, foi onde nasceu o desejo de repassar conhecimento para outras pessoas, para que essas pessoas possam ter o direito de reescrever a sua própria história, como eu estou tendo a oportunidade de reescrever a própria história (Narrativa de Carmen, 10/05/21).

A narrativa (auto)biográfica de Carmen mostra a densidade de uma história de vida cheia de acontecimentos diversos, plurais e que repercutiram muito em seu desenvolvimento pessoal, formativo e de aprendizagem.

Torna-se relevante fazer uma reflexão mais aprofundada do conteúdo da narrativa expressa acima, tendo em vista que a estudante compõe uma nova história no presente voltando ao passado pela memória. O que me remete à ideia de que “[...] a história que escrevemos é a de ações cujos projetos ou resultados podem ser reconhecidos como aparentados aos de nossa própria ação; nesse sentido, toda história é fragmento ou segmento de um único mundo da comunicação” (RICOEUR, 2010, p. 250).

É relevante perceber o *talento narrativo*, como elucida Benjamin (2012), no sentido de que a capacidade de grandes narradores permite fazer o outro mergulhar na história de quem narra, tirando lições, potentes reflexões e um trabalho de formação. Eis o que fez Carmen, usou de uma capacidade engenhosa e criativa, passando a narrar fatos marcantes de sua história de vida, construindo um enredo cheio de sentido e capaz de levar o leitor a uma viagem quando faz a leitura de sua narrativa – como me senti capturado e afetado, tanto quanto os (as) outros(as) colegas de turma, quando a mesma fez a leitura durante o encontro remoto.

A narrativa acima elucida ainda o grau de instrução de outros membros da família, como de sua avó, e o valor que a mesma dá para a educação das novas gerações, como seus netos, no caso de Carmen e seu irmão, mostrando o papel significativo da educação familiar nesse processo e o quão significativo isso se tornou para ela, e que acabou guardando esses acontecimentos e experiências de vida em sua memória.

Diante do exposto, trago uma potente reflexão pensada recentemente por Morais (2022) em sua tese de doutorado em educação, na qual se debruça a trazer tanto as suas narrativas de histórias de vida quanto a de outros professores (as) iniciantes, durante a aprendizagem da docência e o desenvolvimento profissional, em pesquisa feita na pandemia que ilustra bem o que a narrativa acima trouxe. Segundo o autor:

[...] é voltando para si por meio da memória e narrando as experiências que mais se tornaram significativas que as histórias de vida ganham centralidade, enredo, desfecho e emoção, proporcionando tomadas de consciência que levam o sujeito à

construção de aprendizagens, formação e conhecimento (MORAIS, 2022, p. 120).

Portanto, narrar as histórias de vida durante a formação inicial de professores (as) pode promover estados de consciência que são construídos pelos sujeitos, potencializando de forma significativa um processo de reflexividade que nem sempre tem sido provocada nessa perspectiva de um voltar para si para poder aprender e se formar com a sua própria história.

Eis o que venho fazendo em minhas práticas pedagógicas na docência universitária: levar os (as) estudantes a pensar sobre o lugar de onde partiram, onde estão e onde querem ou poderão chegar, através da construção de suas escritas narrativas (auto)biográficas, trazendo nesse processo a metodologia das histórias de vida. Esse texto, por exemplo, é fruto de uma das experiências de pesquisa, formação e produção de conhecimentos nesse viés.

Convém agora trazer a narrativa de outra estudante, a Cristina, a qual reflete sobre um conjunto de acontecimentos que consegue lembrar que vão desde a infância, a relação com a família, a escola e outros tantos fatos, mostrando suas professoras marcantes nessa caminhada. É interessante como a estudante mergulha em vários momentos compondo uma narrativa cheia de aspectos para refletir. Conforme narra:

Bom, quando pequena era uma criança quieta, até meus 6 anos fui filha única e por essa razão fui superprotegida pela minha mãe. Cresci morando ao lado dos meus avós paternos e esse período – a partir dos meus 9 anos – foi incrível, comecei, enfim, a ter amigos. Bom, uma etapa marcante na minha infância e início de pré-adolescência foi minha passagem pela escola Estevam Ângelo de Sousa, nessa construí laços firmes de amizades que perduram até hoje, de lá tenho várias lembranças, momentos inesquecíveis que me vêm à memória juntamente com a sensação de leveza que a infância me traz, e momentos que tinha ao lado das minhas melhores amigas desde as tardes que passei brincando, andando de bike, tirando fotos clichês, até das vezes que brigávamos no sério – isso me rendeu um olho roxo, mais especificamente verde – nosso grupinho era implacável. Nessa escola vivi também experiências como meu

primeiro amor – um caso sério de amor e ódio correspondido. Para finalizar essa parte, concluo fazendo menção às minhas amadas professoras Cris e Tati e a minha amada diretora Jessy, mulheres incríveis que trago na mente (Narrativa de Cristina, 02/05/21).

Como é possível perceber, o processo de narrar a histórias de vida leva o sujeito a trazer outros tantos fatos que alia a vida pessoal, com o social, o político, acontecimentos marcantes e fatos às vezes delicados e conflituosos que o sujeito viveu, como narra Cristina. É nesse sentido, de buscar na memória (auto)biográfica um modo de narrar de si, em que se pratica uma (auto)formação, compondo um projeto de aprendizagem e construção de conhecimentos do qual não necessariamente precisa se munir de teorias que estão em textos, livros ou outras fontes fora, mas que existe na própria história de vida narrada pelo sujeito, ou seja, que existe em si quando se descobre e se reinventa pela narração.

Em vista da discussão feita, cabe elucidar o conceito de autoformação que, segundo Pineau (2010, p. 103), “nas suas fases últimas corresponde a uma dupla apropriação do poder de formação; é tomar em mãos esse poder – tornar-se sujeito –, mas é também aplicá-lo a si mesmo: tornar-se objeto de formação para si mesmo”.

Diante do exposto, convém salientar que “[...] as experiências que vivemos acontecem nos mundos históricos e sociais aos quais pertencemos e trazem, portanto, a marca das épocas, dos meios, dos ambientes nos quais nós as vivemos” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 137). Por isso, é cabível pensar na riqueza das histórias de vida que passam a se materializar como um conhecimento possível de si pelas narrativas de formação, agregando valor aos conteúdos trabalhados na área e fazendo o sujeito enxergar-se como ator, autor e protagonista de sua própria história e da composição de uma história da educação que está sendo produzida por si em diálogo com o outro no processo formativo.

Trago agora a narrativa de outra estudante de Pedagogia, a Marcilene, a qual pratica uma reflexividade (auto)biográfica tecendo um conhecimento de si fruto de suas trajetórias acadêmicas experienciadas no decurso da vida, e como chegou até o curso de Pedagogia para poder ser professora num futuro breve, idealizando esse lugar/profissão. Segundo ela:

Como falar de mim sem antes falar da minha trajetória que por sinal não é tão empolgante assim? Cursei o ensino médio no Instituto

Federal do Maranhão (IFMA), tenho formação técnica em Agropecuária, curso ótimo por sinal. Antes mesmo de entrar pro ensino médio sonhava em ser professora, talvez pelos exemplos que tive no decorrer da minha vida. Em uma conversa com um profissional da área de psicologia, vi o trabalho brilhante que ele exercia e então me apaixonei pela Psicologia, se tornando assim minha primeira opção em curso superior. Devido à falta de recurso pra estudar fora e dentre as opções que eu tinha, me recordei do meu sonho de quando eu era criança ser professora. Se me perguntarem o porquê Pedagogia, eu diria que é pelo simples fato que eu acredito que ser pedagogo vai além de ensinar letras, ensinar cores ou números, ser pedagogo é saber escutar, orientar, motivar, desafiar, descobrir, compartilhar momentos, é acima de tudo saber ser amigo (Narrativa de Marcilene, 13/03/22).

Pela narrativa de Marcilene, é possível notar o valor da memória recuperando as escolhas profissionais e formativas no presente, como o curso de Pedagogia, o qual a estudante escolheu como vida profissional e que está cursando. Do mesmo modo, a narrativa expressa um nível de consciência que a estudante conseguiu tomar no momento de narrar um pouco de sua história de vida, pois, passou a se lembrar o que para ela fora marcante e o que a fez chegar aonde chegou no tempo presente, para poder refletir sobre isso e tirar aprendizados e lições significativas.

Eis que a proposta das narrativas de histórias de vida enriquece o sujeito como uma prática metodológica de formação, aprendizagem e construção de conhecimentos mediatizada pela tomada de consciência que leva à transformação e à emancipação dos sujeitos no percurso de vida, projetando-os para outras buscas de si e do que poderá trilhar futuramente. Nesse sentido, “o sujeito reinventa-se pela reflexividade narrativa praticada durante a formação, uma vez que reflete e toma consciência das experiências trilhadas e dá sentido à sua existência” (MORAIS, 2023, p. 17).

Em *Experiências de vida e formação*, Josso (2010), vai refletir exatamente no que tem desencadeado as escritas das histórias de vida como dispositivos de formação e transformação do sujeito adulto nesse processo, de forma a reorientar a sua vida conscientemente e com a devida valorização dessa caminhada. Vale citar a autora com essa discussão:

O trabalho da narrativa escrita de vida, porque permite uma espécie de estado das ligações dos nossos conhecimentos nos nossos diferentes referenciais experienciais, e nas nossas formas de exprimir o nosso ser-em-relação conosco e com outrem na evolução de nossos posicionamentos existenciais, desemboca progressivamente na compreensão de que a procura de uma subjetividade autêntica passam por colocar em prática um projeto de si como autor-pesquisador por meio da reinterpretação, para si, das valorizações simbólicas coletivas e dos múltiplos referenciais para o sujeito pensar a sua vida (JOSSO, 2010, p. 222-223).

Em suma, diante das narrativas de histórias de vida escritas e compartilhadas nesse texto, pode-se perceber o quão significativa e singular tem sido a produção de cada uma, oriunda dos contextos específicos de vida de cada sujeito. Eis que tem sido uma riqueza trabalhar com esse dispositivo metodológico: o caráter de novidade, criatividade e irrepetibilidade que se efetua em cada história narrada pelos sujeitos, aprendizes em formação. É sobre esse aspecto de uma singularidade da narrativa como produção de uma subjetividade que representa cada sujeito em que reside o seu poder de formação e originalidade, por isso, não se pode transferir a outrem o que se narra. É o que legitima a reflexão de Josso (2006) em outro significativo texto que trata sobre as narrativas de histórias de vida, dando importância a essas características. Ou, nas palavras da autora:

Os relatos de histórias de vida permitem confirmar uma constatação importante para legitimar a importância das práticas de explicitação e desenvolvimento de projetos de formação: o caráter extremamente heterogêneo das motivações, necessidades e desejos que dinamizam o investimento de estudantes adultos e profissionais em formação contínua (JOSSO, 2006, p. 27).

Portanto, a narrativa de Odair mostrou como difícil e complexo foi ter que conciliar trabalho e estudo em toda a sua vida, tornando-se uma experiência marcante essa organização. Já para Carmen, sua história de vida revela que as dificuldades enfrentadas na família sempre foram um motor de busca de uma educação para poder dar uma melhor condição de vida para si e para seus familiares, ou seja, a educação

seria um meio de transformação social, econômica, política e cultural. Em se tratando do discurso de Cristina, evidenciaram-se suas experiências escolares como fundamentais para mudar seu modo de ser e conviver social e culturalmente com os outros, trazendo educadores (as) e professores(as) marcantes em sua vida. E Marcilene mostrou, em sua narrativa, que as memórias de infância foram significativas para poder escolher a Pedagogia como curso de formação e a docência como profissão.

Tecendo algumas conclusões da pesquisa

Foi nesse processo de contação de histórias na docência universitária, no curso de Pedagogia, realizado remotamente na pandemia, que passei a ter um conhecimento dos (as) meus (minhas) alunos (as), uma forma de ter acesso às suas histórias de vida e perceber pelo narrar deles (as) como pensavam, aprendiam e construíam conhecimentos. Portanto, conheci mais cada um (a), porque eles(as) narraram sobre si, me contaram algumas de suas histórias que buscaram se lembrar pela memória, através das provocações que eu fiz a eles (as) no início do semestre, para poder produzir um conhecimento outro sobre *História da Educação*, voltando para si, tirando lições e aprendizados em suas escritas narrativas (auto)biográficas.

Eu não sabia como ser professor na pandemia, tive que (re)aprender, considerando a conjuntura de um novo tempo, no desenvolvimento de aulas e encontros nas telas e janelas de dispositivos móveis – celulares, computadores e outros –, para poder dar continuidade a um projeto de formação humana em cenários de incertezas como esse que assolou o mundo sem precedentes, nos anos de 2020 e 2021 pela pandemia. Com o uso metodológico das narrativas de histórias de vida, percebi a grandeza e riqueza que foi se consolidando em um meio privilegiado de potencializar a formação dos (as) estudantes, pautando-se por uma escrita de si que teve um cunho de (auto)formação e transformação consciencial do sujeito.

Aos poucos, o lugar das imagens pelo computador ou celular, com fotos dos rostos dos(as) estudantes e apenas escritas de seus nomes, passaram a dar mais vida, pois, começaram a abrir as câmeras para narrar suas histórias de vida, algumas vezes, intercaladas por pausas, suspiros, choros e outros sentimentos e sensações que eram acometidos(as) por afetações de narrar oralmente suas vidas da leitura que fizeram dos escritos nas telas virtuais, uma vez que ficavam emocionados (as) e mergulhados (as) na narração de si, transpondo para mim também essas sensações.

Percebo, portanto, que a narração de histórias de vida no contexto da formação

de professores (as) é um dispositivo privilegiado de transformação das consciências e emancipação dos sujeitos, pelos quais produz um conhecimento de si, dando sentido à sua vida, à formação e aos caminhos trilhados no decurso existencial. Eis que narrar de forma (auto)biográfica, promove aprendizagem e formação não somente para os (as) estudantes inseridos (as) em um processo formativo, como para os (as) formadores (as) de professor e s(as), como aconteceu comigo. Foi uma formação compartilhada, potente e de uma riqueza inestimável na vida pessoal, formativa e profissional, sem a qual de outra forma, não seria possível construir com tamanha sensibilidade, afeto e emoção nesse período pandêmico.

Quanto mais possibilidades forem primadas pelo uso metodológico das escritas de si no contexto da formação de professores (as), com os usos das narrativas de histórias de vida, maiores serão as contribuições de construir uma reflexão conscientizada, crítica e emancipatória do sujeito, tão necessária nesses tempos de descaminhos, em um cenário de incertezas que se apresenta no Brasil.

Que as narrativas (auto)biográficas possam se fazer mais presentes na formação de professores (as) na docência universitária, nas pesquisas científicas e no desenvolvimento profissional docente na Educação Básica, buscando elucidar seus contributos e potencialidades em busca da transformação social e do sujeito, em suas múltiplas dimensões, que a riqueza desse método possa propiciar.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas I. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. *Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.7476/9788575114698>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; SANTANA, Rodrigo Luiz de Jesus (Orgs.). *Memoriais, pesquisa formação e modos outros de escrita acadêmica*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. Disponível em: <https://grupopolifonia.wordpress.com/livros/>. Acesso em: 28/jan./2022.

CANDAU, Jöel. *Memória e identidade*. Tradução Maria Letícia Ferreira. 1.ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica*, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016. Disponível em:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526/1711>. Acesso em: 15 jun. 2022.

DOMINICÉ, Pierre. A epistemologia da formação ou como pensar a formação. In.: MACEDO, R. S. et al. *Currículo e processos formativos: experiências, saberes e culturas*. Salvador: EDUFBA, 2012.

GOODSON, Ivor F. *Currículo, narrativa pessoal e futuro social*. Tradução: Henrique Carvalho Calado; revisão da tradução: Maria Inês Petrucci-Rosa e José Pereira de Queiroz. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

GOODSON, Ivor F. *Aprendizagem, currículo e política de vida: obras selecionadas de Ivor F. Goodson*. Tradução: Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

GOODSON, Ivor F. *A vida e o trabalho docente*. Tradução de Daniela Barbosa Henriques. Patrópolis, RJ: Vozes, 2022.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. In.: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MORAIS, Joelson de Sousa. As múltiplas facetas do currículo escolar permeado pela reflexividade narrativa na formação de professores(as). *Revista Horizontes*, v. 41, n. 1, 2023. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1542/727>. Acesso em: 03 dez. 2023.

MORAIS, Joelson de Sousa. *Fios e tramas em contextos de pesquisaformação e suas implicações na tessitura narrativa de professores/as iniciantes*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, 2022. 259p. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1237977>> Acesso em: 16 jun. 2022.

MORAIS, Joelson de Sousa. Dos meus itinerários formativos ao memorial de formação: viagens ao passado. In.: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; SANTANA, Rodrigo Luiz de Jesus (Orgs.). *Memoriais, pesquisaformação e modos outros de escrita acadêmica*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. Disponível em: <https://grupopolifonia.wordpress.com/livros/>. Acesso em: 28/jan./2022.

MORAIS, Joelson de Sousa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. As histórias de vida de professoras iniciantes no processo de constituição da docência. *Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.*, Salvador, v. 29, n. 57, p. 190-202, jan./mar. 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/8279/5339>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In.: PASSEGGI, M. da C.; SILVA, V. B. da. *Invenções de vidas*,

compreensão de itinerários e alternativas de formação. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. Tradução de Maria Teresa Van Acker e Helena Coharik Chamlian. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, maio/ago. 2006. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/ep/a/vBbLxwHQHLFnrS48HYbhxw/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. *In*: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. v. 1. Tradução: Claudia Berliner. Revisão da tradução: Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Acompanhar e formar, mediar e iniciar: pesquisa (auto)biográfica e formação de formadores. *In*: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian da (Orgs.). *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.